

CORPO E ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO COMPLEMENTAR DE PROFESSORES

Débora Kelly da Silva, Formada em Magistério (2003) pelo Centro de estudos e aperfeiçoamento ao magistério (CEFAM) – Licenciada em Letras (2007) pela Universidade São Marcos – Pós-graduada em Arte Terapia (2013) pela Universidade São Judas Tadeu – Professora de Educação Infantil na Prefeitura de São Paulo (2003-2012) – Professora nos cursos de curta duração, para professores da rede pública de São Paulo, na Escola Superior de Gestão e Contas Públicas Conselheiro Eurípedes Sales. E-mail: deboraks@live.com

Resumo

O objetivo deste artigo é evidenciar a importância do trabalho com o corpo e a arte na educação infantil, além de apresentar uma proposta de formação complementar de professores embasada em teoria e prática, abordando as seguintes temáticas, sempre vinculadas à arte como expressão: o corpo na história, o corpo simbólico, shantala, a importância da pele, toque terapêutico, danças circulares sagradas, o corpo na educação, dança pessoal e integração corpo-mente.

Abstract

The purpose of this article is to highlight the importance of working with the body and art in early childhood education, and present a proposal for training further teachers grounded in theory and practice, addressing the following issues, always linked to art as an expression: the body in history, the symbolic body, shantala, the importance of skin, therapeutic touch, sacred circle dances, the body in education, personal dance and body-psyche integration.

*“Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.*

Sabe a arte de esconder-me

e é de tal modo sagaz

que a mim de mim ele oculta

Meu corpo, não meu agente,

Meu envelope selado,

Meu revólver de assustar,

Tornou-se meu carcereiro,

Me sabe mais que me sei”

Drummond

1) A importância do corpo

Bertherat (1980) diz que o corpo é a casa em que não se mora, o que demonstra o quanto o ser humano está distanciado de si mesmo. Ao longo do livro *O corpo tem suas razões*, ela relata casos que evidenciam o quanto a maneira como se pensa e se vive manifesta-se corporalmente e o quanto são desconhecidas as limitações e potencialidades corporais.

Então, fica claro o quanto isto é sério: o homem não se apropria de seu primeiro instrumento. Como, então, poderá ser dono de si mesmo, se nem o seu corpo lhe pertence?

Normalmente, o homem se esquece de que o corpo é a única possibilidade que tem de ser e estar no mundo.

Devido a toda uma história greco-romano-judaico-cristã, o corpo foi sendo separado da alma e muitos acreditam que o pensamento cartesiano, nas sociedades ocidentais, reforçou a superioridade da mente em relação ao corpo. Contudo, Ramos (2006) relata que houve uma má interpretação da teoria de Descartes. A autora diz que:

Devido, provavelmente, à complexidade tanto de seu pensamento quanto do fenômeno em si, a maioria dos contemporâneos e sucessores clínicos de Descartes compreende muito pouco a sua filosofia profunda. E assim Descartes ficou de certo modo estigmatizado como “criador” do dualismo corpo-mente, tanto no sentido positivo, de promover um pensamento científico, como no depreciado, mais atual, de dificultar a compreensão mais global do homem. (Ramos, 2006, p. 28)

Assim, nota-se que existe uma história do corpo, que não cabe nos limites deste artigo, mas que é uma forma de se compreender por que se lida com ele dessa forma.

Le Goff e Truong (2006) fazem todo um levantamento do corpo na Idade Média, pois esta época é determinante para a história do corpo e de como ele se configura hoje, como eles afirmam:

Pois o corpo é hoje a sede da metamorfose dos novos tempos. Da demiurgia genética às armas bacteriológicas, do tratamento e da abordagem das epidemias modernas às novas formas de dominação no trabalho, do sistema da moda aos novos modos de nutrição, da glorificação dos cânones corporais às bombas humanas, da liberação sexual às novas alienações, o desvio pela história do corpo na Idade Média pode permitir compreender um pouco melhor nosso tempo, tanto por suas convergências surpreendentes como por suas irredutíveis divergências. (Le Goff e Truong, 2006, p. 32)

Esse histórico repercute até os dias atuais e embora exista um olhar para o corpo, esse, muitas vezes, desconsidera a inter-relação com a mente.

1.1) Integração psique-corpo

O interessante seria enxergar o ser humano de forma integrada, sem cisão entre corpo e psique, como sugere Bertherat ao dizer que: “[...] tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade” (Bertherat, 1980, p. 14).

Se o ser humano é indivisível, os pensamentos e sentimentos se manifestam no corpo, desta forma o que acontece com o corpo também se reflete na nossa mente.

Weil e Tompakow, em seu livro *O Corpo Fala*, evidenciam como o corpo reflete os pensamentos e sentimentos, ensinando a decodificar a linguagem corporal, e reforçam que o que acontece no corpo também reverbera na mente, como ilustra o trecho a seguir:

Vimos o quanto o nosso corpo expressa os nossos pensamentos, as nossas emoções e as nossas reações instintivas. Podemos agora fazer uma pergunta: Se o nosso corpo expressa a nossa personalidade, será que, mudando certos aspectos corporais, poderemos mudar algo no nosso ser mental, emocional e instintivo? (...). A resposta “sim” é óbvia, nas alterações do equilíbrio quantitativo entre os componentes do nosso corpo. (Weil e Tompakow, 1986, p. 263-264)

Os autores citam que desde os tempos mais antigos são desenvolvidas técnicas corporais que visam a alterar estados mentais, tais como ioga, danças e tai chi chuan, e

que, a partir das observações desses métodos, psicoterapeutas modernos desenvolveram técnicas de relaxamento.

Entre os estudiosos que exploraram esta ligação corpo-mente, os autores destacam: Schulz, Feldenkrais e Alexander.

A partir do exposto, observa-se a importância do tema “corpo”, principalmente na Educação Infantil, momento em que a criança mais explora o seu corpo e o professor está mais próximo fisicamente dos alunos.

Cabe ressaltar que a linguagem corporal é simbólica e não verbal, e a arte – por estes mesmos motivos – se transforma em uma grande aliada na análise e melhor compreensão desta linguagem.

2) A arte como forma de expressão

Kiyan (2009) faz uma definição de Arte que será importante para a compreensão deste trabalho:

O conceito de Arte é muito discutido, e existem divergências conceituais a respeito do seu uso; alguns historiadores da arte consideram arte apenas produções inéditas ditas com qualidade técnica e de sensibilidade específica. Outros avaliam que qualquer fazer humano que não reflita uma linha de produção, um fazer esvaziado de sentido, é arte. Parto do pressuposto que, genericamente, arte pode ser considerada toda e qualquer forma de expressão criativa, na qual o sujeito através de interação humana constrói, transforma ou cria uma expressão de seus aspectos subjetivos, seja através de pintura, música, escultura, dramatização ou qualquer outra forma. Sendo assim, a arte necessariamente é porta-voz do que vai no interior de cada um que se aventura a expressá-la, retratá-la, mostrá-la de alguma forma. (Kiyan, 2009, p. 90-91)

Para Andrade (2000), a arte como forma de expressão, a exploração da criatividade, e, logo, o autoconhecimento são de grande importância para uma vida mental saudável. Assim, “o ato de criar é para o criador uma maneira de re-atualizar, diferenciadamente, eventos e sensações de sua vida primitiva” (Andrade, 2000, p. 43).

Arcuri (2009, p. 87) narra a sua prática clínica de integrar a Calatonia (uma técnica de relaxamento corporal desenvolvida pelo médico húngaro Pethő Sándor) e a arte, revelando que percebeu “a importância da utilização da arteterapia para facilitar a expressão de componentes simbólicos”. A autora ainda declara que entende a arte como potencializadora das experiências vividas no relaxamento corporal e um recurso que, materializando o mundo interno daquele que cria, permite a observação do que foi vivenciado.

Jung considerava as várias formas de expressão não verbal, o que permite a fácil inter-relação entre a psicologia analítica, o trabalho corporal e a arte, conforme ele mesmo relata sobre o potencial terapêutico da arte:

A pintura pelo próprio paciente produz efeitos incontestáveis, embora esses efeitos sejam difíceis de descrever. Basta, por exemplo, que um paciente perceba que, por diversas vezes, o fato de pintar um quadro o liberta de um estado psíquico deplorável, para que ele lance mão deste recurso cada vez que seu estado piora. O valor desta descoberta é inestimável, pois é o primeiro passo para a independência, a passagem para o estado psicológico adulto. Usando esse método – se me for permitido usar este termo – o paciente pode tornar-se independente em sua criatividade. Já não depende dos

sonhos, nem dos conhecimentos do médico, pois ao pintar-se a si mesmo – digamos assim – ele está se plasmando (JUNG 1895 apud ARCURI & HORSSCHUTZ, 2012, p. 176)

Isso mostra como Jung enxergava a arte de uma forma abrangente, assim como entendia o corpo, e estes elementos se convergem em uma abordagem que visa ao pleno desenvolvimento do indivíduo, como a educação deveria ser.

3) Corpo e Arte na Formação de Professores

A formação de professores, como modelo e também como reflexo da sociedade, privilegia os saberes linguísticos e matemáticos em detrimento de outras formas de saberes. Assim, os recém-formados ficam com uma lacuna. É o que Ostetto (s/d) relata em seu artigo sobre danças circulares na educação, ou seja, essa necessidade que há de:

[...] o professor encantar-se para poder encantar; criar para poder seguir com as crianças a aventura da criação; ver beleza, viver a beleza para poder espalhar beleza; abrir-se à escuta e ao olhar do inusitado e misterioso, acolhendo múltiplos sentidos no mundo para poder ser sensível e acolher diferentes significados e sentidos construídos pelas crianças no cotidiano educativo; ousar para poder encorajar. Enfim, fazer para si para poder fazer ou propor aos outros. (Ostetto, s/d, p. 02)

A partir desta necessidade, foi pensada uma formação para os professores da rede municipal e conveniada da Prefeitura de São Paulo. O curso é oferecido na Escola Superior de Gestão e Contas Públicas Conselheiro Eurípedes Sales, pertencente ao Tribunal de Contas do Município de São Paulo e que oferece diversos cursos gratuitos para funcionários públicos municipais.

Serão seis encontros semanais de três horas cada. As aulas são marcadas pela teoria e prática, visando a sensibilizar o professor para que molde a si mesmo e não se dedique a esculpir os outros, como sugere o professor Agostinho da Silva (Pereira, 2013, p. 34).

Espera-se que ao final do curso os participantes:

- Percebam a importância do corpo e da arte como formas de expressão.
- Apropriem-se das diferentes técnicas corporais.
- Conheçam e respeitem mais o seu próprio corpo.
- Ampliem a compreensão da linguagem corporal e simbólica.
- Apliquem as propostas aprendidas em sala de aula.

3.1) O corpo na história e a história do próprio corpo

Na primeira aula do curso, cada participante fará um autorretrato e o desenho de um indivíduo do sexo oposto. Este será o primeiro registro da consciência e percepção corporal. Também farão contornos uns dos corpos dos outros, os quais serão “incorporados” de informações, reflexões e produções desenvolvidas ao longo do curso. É este “mapa do corpo” que será objeto de avaliação ao final do percurso de aprendizagem.

Todos receberão um questionário sobre a história de seu corpo que deverá ser preenchido em casa e estar pronto para a aula seguinte. Este não será compartilhado com o grupo, mas é importante ser feito logo no início do processo.

Durante esta aula será abordado o corpo ao longo da história, através de algumas produções artísticas, ilustrando como o corpo deixa de ser cultuado no período clássico para ser condenado na Idade Média. Será discutido também o controle do corpo, de acordo com Michel Foucault, e suas implicações na educação, além de uma breve discussão sobre o corpo no ciberespaço e na sociedade midiática.

Para finalizar haverá um momento de relaxamento e automassagem, promovendo um contato atento com o próprio corpo. Tudo isso para que o professor possa olhar para si primeiro, antes de poder enxergar, e respeitar, o corpo da criança.

As reflexões desta aula já poderão ser registradas no “mapa do corpo”. Conforme descrito no primeiro parágrafo deste subitem, o “mapa do corpo” é o contorno do corpo do participante que o mesmo “preencherá” com produções plásticas (pinturas, desenhos, colagens, escritas e etc.) que registrem a sua vivência da aula.

3.2) O corpo simbólico

Nesta aula será abordado o corpo simbólico, entendendo o símbolo como o “visível que aponta para o invisível” como cita Roberto Crema no prefácio do livro *O corpo e seus símbolos*, de Jean-Yves Leloup, 2012.

Os participantes serão convidados a fazer uma reflexão sobre seus corpos através da leitura de uma mensagem que compara o corpo a uma árvore. Em seguida deverão materializar, com modelagem em argila, esse “corpo-árvore” e compartilhar com o grupo as impressões sobre essa vivência.

Será apresentado ao grupo a simbologia da árvore e sua íntima relação com o corpo e o ciclo da vida.

Será discutido também como o corpo é o registro mais fidedigno de nossas memórias e vivências, pois como cita Leloup: “Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo a sua marca profunda”. (Leloup, 2012, p. 15). Assim, fica feito o convite à reflexão: “que marcas deixaram em nós e que marcas deixamos nas crianças que educamos?”

Feito isto, será apresentada a massagem “shantala”, com o uso de bonecas para treinamento dos movimentos, como uma possibilidade de vivência nos berçários. A técnica será passada da forma tradicional, de acordo com o livro de Leboyer, enfatizando que o mais importante é o contato, o cuidado, o tocar e a criança. Como reforça o autor:

Esta massagem é uma arte. E, portanto, você precisará de um mestre (...). Esse mestre é o bebê (...). Se você duvidar um instante da grande perfeição deste mestre, compare simplesmente a docilidade dele com a sua! Compare as costas deles com as suas. Sim, deixe-se guiar por ele! (Leboyer, 2009, p. 131)

As vivências serão registradas no “mapa do corpo” mediadas pelos recursos artísticos expressivos, ou seja, as impressões, sensações e reflexões dos participantes serão expressas por intervenções artísticas no molde do corpo feito na primeira aula.

3.3) A importância da pele

Este encontro será a vivência e fundamentação teórica do Toque Terapêutico, método de reequilíbrio da energia do corpo, desenvolvido por Dolores Krieger e Dora Kunz, tratando sobre sua definição, histórico, utilização e possíveis usos na Educação.

A ideia é perceber a criança como um todo, seu corpo, alma e mente, e não somente o cognitivo. É inviável pensar numa educação que fragmenta o ser e privilegia umas partes sobre as outras. Como diz Malaguzzi, no livro *As cem linguagens da criança*, em sua poesia “A criança é feita de cem”: “A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo. Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar” (EDWARDS, 2004).

Pensando numa educação verdadeiramente integral na primeira infância é possível citar o Centro de Estudos Casa Redonda (que se baseia na Pedagogia Profunda, inspirada na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung) que privilegia o brincar e a cultura da infância, a arte como forma de expressão e a integração corpo-mente. Neste local, os profissionais aplicam variadas técnicas de relaxamento corporal nos pequenos, embasadas nas teorias de Sándor, considerando o corpo da criança, além de seu cérebro. Conforme se pode constatar no trecho que segue:

O trabalho iniciado com as crianças na Casa Redonda foi permeado por conversas contínuas com o professor Sándor sobre a necessidade de introduzir uma visão integral do ser humano nas escolas que ainda carregam uma noção fragmentada e mecanicista na condução das suas práticas pedagógicas com as crianças. Uma nova visão do corpo teria de ser abordada na educação infantil na medida em que as crianças representam o embrião humano em crescimento, seres que trazem no mistério do seu nascimento a questão ontológica da unidade entre o corpo e a alma para alguns, e corpo e psique para outros. (Pereira, 2014, p. 95)

O contato, o tato, o toque e a pele são de extrema importância para o desenvolvimento humano. É válido lembrar que, tanto a pele quanto o sistema nervoso, são formados pela ectoderme. Arcuri (2006, p. 72) complementa dizendo que: “É como se o sistema nervoso fosse uma parte escondida da pele ou, o contrário, a pele é a porção externa do sistema nervoso”.

Dito isso, fica fácil compreender a relevância da pele/toque num processo educacional, além disso, a pele possui múltiplas funções, entre elas a vital-afetiva.

Farah (2008) cita, em seu livro, a pesquisa feita por Montagu que analisa todas as funções da pele e também como animais e crianças respondem ao estímulo tátil. Chega à conclusão de que os que tiveram contato com as mães apresentaram um melhor desenvolvimento.

A autora comenta ainda como os orientais já estão avançados nesta questão de enxergar a pele de forma mais ampliada. Afinal, trata-se do maior órgão do corpo humano, com variadas funções e que limita o ser em relação ao ambiente que o cerca.

Nesta aula sobre a importância da pele, além de abranger o Toque Terapêutico, serão abordadas outras técnicas corporais como o reiki (canalização e distribuição da energia universal) e calatonia, citada anteriormente.

Todas as impressões serão registradas plasticamente por meio de desenho, pintura, colagem ou escrita no “mapa do corpo” (contorno corporal realizado no primeiro encontro).

3.4) Dança circular sagrada na educação

Após esta breve abordagem sobre a importância do corpo para o desenvolvimento integral da criança, cabe pensar um pouco como este mesmo corpo é tratado na escola. Gaiarsa diz que:

A educação é uma paralisia progressiva. O efeito mais evidente da educação (familiar, escolar, civil, religiosa) sobre as pessoas é ir diminuindo a sua movimentação – que é coisa de criança, de mal-educado, de descontrolado, etc. Fique no seu lugar – na posição que te cabe – faça sempre do mesmo modo. Cidadão perfeito: quase múmia” (Gaiarsa, 1984, p. 145).

É um pouco o que Foucault (1987) fala sobre os corpos dóceis e o quadriculamento do espaço, ou seja, corpos controláveis nas carteiras uma atrás do outra...

As danças circulares sagradas dão a possibilidade de trabalhar o corpo e a mente de forma integrada, inclusive na educação.

Neste encontro, após os participantes já terem vivenciado mais os seus próprios corpos e trabalhado com o corpo dos demais colegas, chega o momento de trabalhar com o “corpo do grupo”.

Será tratado o significado e a origem das danças circulares sagradas e sua importância enquanto mecanismo de resgate da ancestralidade humana e da sabedoria de todos os povos.

De acordo com Sampaio, focalizador de Danças Circulares:

Dançando é possível Educar e Educar-se, utilizando os recursos do movimento e da música. A Dança é, portanto, elemento fundamental para Formar e Informar o indivíduo, pois desperta nele a possibilidade de crescer em interação Consigo Mesmo, com o Outro e com o Meio. (Sampaio, 1998, p. 97)

Pensando nas Danças Circulares na educação, temos o que Ostetto (s/d) chama de “caráter participativo da dança”, ou seja, ou todo mundo participa ou ninguém dança e isso promove a integração e inclusão. O objetivo comum prevalece e neste momento o relacionamento interpessoal ganha força.

Além disso, torna-se possível explorar a lateralidade, concentração, memória, ritmo, consciência corporal, colaboração, entre tantos outros fatores imprescindíveis para uma educação de qualidade. Um deles, muito importante, é saber lidar com os erros de forma leve, que é o oposto do que acontece no cotidiano escolar, como descreve a autora:

De maneira diversa, configura-se o reino das certezas pedagógicas: explicando, negando as dúvidas, oferece uma pretensa segurança, impede o mergulho na angústia do não-saber e a emergência de qualquer novidade, bloqueia a travessia, interdita a criação, deixa a alma no deserto. (Osteto, s/d, p. 15)

Após todo o embasamento teórico, chega o momento de dançar, dos participantes sentirem na pele a energia que flui quando estão todos juntos, de mãos dadas, olhos nos olhos, e recordarem da alegria que é movimentar o corpo, errar para aprender, ajudar o

outro sem esperar nada em troca, enfim, de voltar a ser criança, para então poder valorizar, verdadeiramente, a cultura da infância, que naturalmente dá as mãos, olha nos olhos, gira e não tem medo de sorrir e se divertir.

3.5) Dança Pessoal

Neste encontro, os participantes serão convidados a fazer uma reflexão sobre a integração corpo-mente. Um dos assuntos a ser discutido será a psicossomática; como a doença, muitas vezes, é reflexo de estados emocionais.

Dahlke e Dethlefsen (1983) relatam que a doença é uma possibilidade de crescimento, pois ela materializa os desafios que precisam ser enfrentados para o avanço no processo de individuação, ou seja, o caminho do desenvolvimento pessoal.

Dizem ainda que os sintomas evidenciam a indivisibilidade do corpo-mente, vejamos:

Doença e saúde são conceitos singulares, pois se referem a um estado das pessoas, e não, como se costuma dizer hoje com frequência, a órgãos ou partes do corpo. O corpo nunca está só doente ou só saudável, visto que nele se expressam realmente as informações da consciência. O corpo nada faz por si mesmo; disto podem certificar-se todos, basta observarem um cadáver. O corpo de um ser humano vivo deve seu funcionamento exatamente àquelas duas instâncias imateriais a que denominamos consciência (alma) e vida (espírito). A consciência apresenta as informações que se manifestam no corpo e que se tornam visíveis. (Dahlke e Dethlefsen, 1983, p. 14)

Após esta discussão e de como podemos ouvir as queixas das crianças com uma escuta mais apurada, cada um fará uma escuta interna, percebendo suas sensações e sentimentos e utilizando o corpo como linguagem para a expressão do que estiver sendo vivenciado.

A música estará presente nesta experiência propiciando que cada um faça a sua dança pessoal, ou seja, os movimentos que seu corpo quiser fazer, sem modelos estereotipados. É o momento do corpo ser livre, de sentir o seu próprio ritmo.

O butô, dança japonesa que privilegia a expressão do dançarino, será utilizado como exemplificação de uma das possibilidades de dança pessoal, como cita Oliveira (2009) em sua dissertação de mestrado “Diálogos entre o Butô e a Dança Pessoal”:

Após tentar levantar as possíveis origens do Butô, a única resposta que consigo sugerir, é que ele se baseia numa experiência singular e intransferível. Como disse o próprio Kazuo Ohno: – Cada dançarino tem seu próprio butô. Não existe um método, porque a dança é a expressão do interior de cada um. Por isso é singular. Para mim, o butô é, com palavras simples, apreciar a vida, minha e dos outros. (Oliveira, 2009, p. 77)

Para introduzir os participantes na dança pessoal, a princípio serão utilizadas metáforas, por exemplo: “dance como uma rosa que desabrocha”, até que cada um possa construir as suas próprias metáforas, e assim, a sua dança.

Após o compartilhamento da vivência, haverá uma breve reflexão sobre os momentos que são permitidos às crianças na escola, se elas têm a oportunidade de se expressarem corporalmente e livremente, ou se as únicas possibilidades que elas têm de dançar são nas datas comemorativas, com passos exaustivamente repetidos e decorados, e qual é a finalidade de uma proposta e de outra.

Apesar da dança já ser em si uma arte, os participantes utilizarão recursos artísticos expressivos para materializar as vivências, sensações e reflexões que fizeram a partir das Danças Circulares Sagradas e da Dança Pessoal no “mapa do corpo”.

3.6) Concluindo

No último encontro, cada participante fará novamente seu autorretrato e o desenho de um indivíduo do sexo oposto (como o proposto na primeira aula). Após este momento, haverá a comparação e discussão do primeiro e último desenho, por meio do seguinte questionamento: “É possível perceber alguma mudança no registro que indique alguma alteração na percepção e consciência corporal?”.

Farah (2008) sugere que na análise dos dois desenhos seja considerada alguma parte que chame mais a atenção, a fim de refletir sobre a função física e simbólica desta parte do corpo. Relata também que a representação do feminino e masculino correspondem, respectivamente, à de “anima e animus”, ou seja, representações inconscientes do indivíduo, das personalidades internas feminina e masculina.

Em seguida, cada participante apresentará o seu “mapa do corpo”, compartilhando com o grupo o processo pelo qual passou e as reflexões decorrentes dele. Neste sentido, as produções artísticas não são só diagnósticas, em termos de orientação do trabalho, mas terapêuticas, na medida em que permitem a livre expressão do sujeito e reflexão sobre si mesmo.

Espera-se que vivenciando a importância do corpo e da arte como instrumentos primeiros da expressão humana, os professores possam incluir na sua prática pedagógica um olhar mais sensível para o corpo das crianças e para a arte como expressão na Educação Infantil.

O currículo da educação infantil, da forma que se apresenta hoje, não é satisfatório nem para as crianças, que cada vez mais são rotuladas com distúrbios de aprendizagem, enquanto só querem ser crianças, nem para os educadores, que ficam cada vez mais doentes diante de um sistema tão insatisfatório.

Mas há que se buscar outras formas e caminhos, e os professores têm buscado.

A proposta de formação descrita neste artigo se dará apenas no segundo semestre de 2014, mas nos primeiros seis meses do ano já há muitos professores inscritos e se inscrevendo. Certamente, as trocas serão surpreendentes, mas isso será assunto para outro artigo...

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Liomar Quinto de. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vector, 2000.

ARCURI, Irene Gaeta. **Arteterapia e o corpo secreto: técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal**. São Paulo: Vetor, 2006.

_____, Irene Gaeta. **Psicoterapia junguiana, calatonia e arte**. Psic. Rev. São Paulo, volume 18, n.1, 81-98, 2009.

_____, Irene Gaeta; HORSCHUTZ, Renata. “Calatonia e mandalas: recursos corporais e artísticos na prática clínica.” In: SPACCAQUERCHE, Maria Elci (org.). **Corpo em Jung**. São Paulo: Vetor, 2012.

BERTHERAT T., BERSTEIN C. **O corpo tem suas razões – antiginástica e consciência de si**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George; Trad. Dayse Batista. **As Cem Linguagens da Criança – A Abordagem da Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

DAHLKE, Rüdige; DETHLEFSEN, Dalke. **A doença como caminho**. Trad. Zilda Hutchinson Schild. São Paulo: Cultrix, 2000.

FARAH, R M. **Integração psicofísica**. São Paulo: Companhia Ilimitada/Robe Editorial, 2008.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GAIARSA, José Ângelo. **Couraça Muscular do Caráter** (Wilhelm Reich). 4ª ed. Ágora, 1984

KIYAN, Ana M. Mezzarana. **O gosto do experimento: possibilidades clínicas em Gestalt-terapia**. São Paulo: Altana, 2009.

LEBOYER, Frédérick. **Shantala: uma arte tradicional de massagem para bebês**. 5a ed. São Paulo, Ground, 1993.

LE GOFF, Jacques. TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos: Uma antropologia essencial**. Petrópolis, Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Erika Carolina Cunha Rizza de. **Diálogos entre o Butô e a Dança Pessoal**. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Estadual de Campinas.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Danças circulares na educação: tocar o ser da poesia**. UFSC, s/d.

PEREIRA, Maria Amélia Pinho. **Casa Redonda: uma experiência em educação**. São Paulo: Livre Conteúdo e Cultura, 2013.

RAMOS, Denise Gimenez. **A psique do corpo**. São Paulo: Summus, 2006.

SAMPAIO, Marcus Ivan Santan. “Movimento, Educação, Dança”. In: RAMOS, Renata (org.) **Danças Circulares Sagradas: Uma proposta de Educação e Cura**. São Paulo, Triom. 1998.

WEIL, Pierre & TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**. 16a ed. Petrópolis: Vozes, 1986.